



Vol. 32, nº 1 (2026)

EDITORIAL

Uma voz ainda ecoa em meus ouvidos e, longe de se dissipar no tempo, insiste em permanecer como um chamado contínuo àquilo que a literatura sempre representou. Não se trata apenas de memória, mas de uma convocação sensível e crítica que nos impele a reconhecer, com maior profundidade, o seu lugar como espaço de resistência, de elaboração do vivido e de reinvenção diante de toda forma de silenciamento.

Nesse horizonte de sentidos, esta edição, que apresenta o volume 32, foi concebida a partir do *VII COLÓQUIO NACIONAL DE ESTUDOS LITERÁRIOS*, realizado em Tangará da Serra-MT em 2025. E cujo tema, “Censura, cerceamentos e interdições na literatura”, congregou vozes inquietas e intelectualmente comprometidas. Trata-se, portanto, de um encontro que não apenas reuniu pesquisadores e professores, mas também que consolidou um campo de reflexão necessário acerca dos modos pelos quais a palavra literária, ao longo da história, foi atravessada por dispositivos de controle e, simultaneamente, reinventada por meio de sua própria potência criadora.

Com efeito, pensar a literatura sob o signo da censura implica reconhecer, antes de tudo, a sua força constitutiva. Se, por um lado, a interdição impõe limites; por outro, suscita formas engenhosas de criação e deslocamento simbólico. Nesse sentido, torna-se pertinente evocar a noção de *ipseidade* em Paul Ricoeur, a qual nos permite compreender o sujeito como uma construção narrativa de si, continuamente reelaborada no tempo. Assim, a literatura se afirma como espaço privilegiado dessa tessitura identitária, sobretudo quando tensionada por forças que buscam silenciá-la.

Sob essa perspectiva, é possível estabelecer um fecundo diálogo com a trajetória de Pedro Casaldáliga, cuja escrita, marcada pela confluência entre fé, denúncia e compromisso social, eleva a palavra à condição de gesto ético. De igual modo, a produção de Chico Buarque evidencia como a arte, por meio de recursos como a metáfora, a ironia e o deslocamento de sentidos, consegue contornar os mecanismos de censura, afirmando-se como expressão de resistência estética e política. Ademais, as contribuições críticas de Zeni oferecem instrumentos teóricos valiosos para a compreensão dos processos de interdição e das fissuras pelas quais a literatura persiste e se reinventa.



Vol. 32, nº 1 (2026)

Dessa forma, esta edição ultrapassa os limites de um simples registro acadêmico. Embora, neste texto, tenham sido mobilizados apenas dois teóricos e uma análise literária da edição, ressaltamos que sua configuração é extensa e significativa. Configura-se como um gesto coletivo de escuta, de partilha e de afirmação da palavra. Logo, ao reunir reflexões diversas, reafirma-se a literatura como território de liberdade, ainda que constantemente tensionado por forças que buscam restringi-la.

Convém destacar que a organização deste trabalho esteve sob a responsabilidade do Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva, o qual agradecemos a oportunidade e, em um esforço conjunto, orientado à sistematização das discussões suscitadas no evento e à ampliação do alcance dessas vozes que encontram ressonância. O sincero agradecimento ao Prof. Me. Francisco Welison Fontenele de Abreu (PPGEL-UNEMAT) e a Profa. Ma. Sara Freitas Maia Silva (PPGEL-UNEMAT) cujo empenho e dedicação foram decisivos para a concretização desta edição.

Assim, que esta revista se apresente ao leitor não apenas como um repositório de textos, mas também como um espaço vivo de encontro, reflexão e permanência. Afinal, mesmo diante das múltiplas formas de censura, a literatura, em sua essência mais profunda, sempre encontra um modo de dizer, de resistir e de permanecer.

Avante!

Prof. Me. Adriano Carvalho Viana (PPGEL-UNEMAT/ BOLSISTA CAPES).